

CARTOGRAFIAS SOCIAIS E AFETIVAS DE CRIANÇAS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL

Roberto Chaparro Lopes¹
Marcos Mondardo²

RESUMO

As cartografias sociais emergem como importantes ferramentas de luta e reivindicação por territórios ancestrais e lutas por direitos sociais para diversos grupos sociais. Neste contexto, povos indígenas têm feito uso desta ferramenta para cartografar suas cosmovisões e formas de estar e habitar no mundo, subvertendo representações coloniais acerca dos seus territórios ancestrais. Em Mato Grosso do Sul, os povos Guarani e Kaiowá lutam há décadas para retornar aos seus territórios tradicionais e sagrados, após violentos processos de despossessão que sofreram ao longo do século XX. O presente trabalho busca refletir acerca de quatro desenhos que foram elaborados no ano de 2019 por crianças Guarani e Kaiowá com idades entre 5 e 10 anos, na Aldeia Bororó, na Reserva Indígena de Dourados-MS. A busca por traduzir a relação destes sujeitos com seus territórios a partir dos desenhos perpassa pela sua forte relação com elementos da natureza e resgate de outros tempos por meio de memórias, utilizando conceitos como ontologia relacional, territórios afetivos, cartograficidade e *Ara Rekopy* (tempo e espaço para os Guarani e Kaiowá). Os desenhos apresentam elementos que indicam a vinculação ontológica deste povo com seu território tradicional, através da presença de elementos que se vinculam ao teko porã (bem viver), como elementos da natureza, e o tehoarã (memória daquilo que o território foi um dia). Diante de um movimento de busca constante por descolonizar o saber entende-se que elementos da Geografia Kaiowá podem ser potentes para se construir um saber coeso com a cosmovisão deste povo.

Palavras-chave: Cartograficidade, Mapa Mental, Povos Indígenas, Dourados.

RESUMEN

Las cartografías sociales emergen como importantes herramientas de lucha y reivindicación por territorios ancestrales y luchas por derechos sociales para diversos grupos sociales. En este contexto, los pueblos indígenas han hecho uso de esta herramienta para cartografiar sus cosmovisiones y formas de estar y habitar en el mundo, subvertiendo representaciones coloniales acerca de sus territorios ancestrales. En Mato Grosso do Sul, los pueblos guaraní y kaiowá luchan desde hace décadas para retornar a sus territorios tradicionales y sagrados, después de violentos procesos de desposesión que sufrieron a lo largo del siglo XX. El presente trabajo busca reflexionar acerca de cuatro dibujos que fueron elaborados en el año 2019 por niños Guarani y Kaiowá con edades entre 5 y 10 años, en la Aldea Bororó, en la Reserva Indígena de Dourados-MS. La búsqueda por traducir la relación de estos sujetos con sus territorios a partir de los dibujos perpassa por su fuerte relación con elementos de la naturaleza y rescate de otros tiempos por medio de memorias, utilizando conceptos como ontología relacional, territorios afectivos, cartograficidad y *Ara Rekopy* (tiempo y espacio

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGG-UFGD, robertochaparro10@hotmail.com;

² Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados – PPGG-UFGD, marcosmondardo@yahoo.com.br.

para os Guarani y Kaiowá). Los dibujos presentan elementos que indican la vinculación ontológica de este pueblo con su territorio tradicional, a través de la presencia de elementos que se vinculan al teko Porã (bien vivir), como elementos de la naturaleza, y el tehoharã (memoria de aquello que el territorio fue un día). Frente a un movimiento de búsqueda constante por descolonizar el saber se entiende que elementos de la Geografía Kaiowá pueden ser potentes para construir un saber cohesivo con la cosmovisión de este pueblo.

Palabras clave: Cartografía, Mapa Mental, Pueblos Indígenas, Dourados.

INTRODUÇÃO

As cartografias sociais vêm ganhando espaço e relevância nas discussões da Geografia, pois permitem romper com modelos hegemônicos acerca da leitura e representação do espaço, de modo que permitem o surgimento de novos atores cartográficos, com novas formas de perceber, compreender e descrever o espaço. Assim, a cartografia social se define como uma linha de pesquisa em que é privilegiado o conhecimento popular tanto de povos indígenas como de comunidades tradicionais, com seus símbolos e elementos culturais, onde a participação social ativa é uma importante característica (GORAYEB; MEIRELES; SILVA, 2015).

Entre os grupos que surgem como atores cartográficos, destacam-se os povos indígenas e comunidades tradicionais (por exemplo, quilombolas), que reivindicam suas próprias formas de compreender e definir seus territórios, como agentes políticos na busca por autonomia na produção de informações e tomada de decisões acerca de seus territórios. Com isso, tais povos buscam se autorrepresentar, tornando-se sujeitos que guiam os rumos de suas cartografias, que ousam falar de si através de suas próprias experiências, de modo que a cartografia social tem um importante papel de afirmação de identidades (ACSELRAD; VIÉGAS, 2013).

Outro aspecto importante que versa sobre a cartografia social e sua potência é aquele destacado por Almeida (2013) como sendo a capacidade que esse tipo de representação do espaço tem de retratar os conflitos socioambientais/territoriais presentes na realidade do grupo que a produz, principalmente os conflitos pela terra. Tal caráter exprime o uso significativo deste instrumento por parte de movimentos sociais, sobretudo na luta pela terra, que, subvertendo leituras “oficiais” e coloniais de seus territórios e da própria T/terra, utilizam das cartografias sociais como um meio de autoafirmação, de fortalecimento identitário, bem como de afirmação de suas cosmovisões, a partir de suas formas de ser e habitar o mundo, de construir a realidade a partir de suas perspectivas (SANTOS, 2011).

Assim, as cartografias sociais exercem a função de reordenar campos de força e lógicas de poder, uma vez que sujeitos muitas vezes invisibilizados e subalternizados passam a falar sobre si e sobre seus territórios a partir de suas percepções e experiências (ACSELRAD; VIÉGAS, 2013). Uma das mais significativas potências da cartografia social é a forma com que serve para reafirmar modos de vida, ontologias, expondo a diversidade característica do habitar humano na T/terra, para além de uma visão universalista da terra e da relação com os elementos da natureza (COSTA, 2021).

Importante para se entender a cartografia social tal como se propõe neste trabalho é o conceito de cartograficidade. Nogueira (2021) sublinha que o espaço pode ser visto como um texto a ser decifrado, em que cada sujeito “lê” e o interpreta a partir de seu lugar no mundo, de sua ontologia, da carga experiencial que carrega na sua relação com o espaço-tempo, e que a forma que o sujeito utiliza para expressar e comunicar a sua experiência a partir de seu lugar no mundo é compreendido como cartograficidade. Desse modo, na cartograficidade elementos outros podem ser exibidos na representação que se faz do espaço, tais como as memórias, afetos, desejos, aspectos do vivido e do humano. O que orienta as representações são medidas outras, para além da cartografia clássica.

A cartograficidade, portanto, seria uma forma de cartografar, de se representar o mundo, em que os mapas mentais e mapas vivenciais se enquadram. Nogueira (2021) acentua que os mapas mentais se constituem de representações gráficas elaboradas pelos sujeitos a partir de suas vivências, experiências, memórias e ligações afetivas com o lugar. Tais produções são marcadas pela presença de elementos da percepção e saberes sobre o território que se imbricam ao modo de vida que nele se territorializa. Para a autora, “os mapas mentais representam uma cartograficidade do ser com seu lugar”, de forma que nos elementos presentes dessa relação do ser com e no mundo pode-se acessar uma gama variada de fenômenos e relações simbólicas com o espaço, que podem fornecer importantes informações da relação do sujeito com mundo, mas também de uma comunidade, uma cartografia dos seres (NOGUEIRA, 2021, p. 1968).

Nesse sentido, por buscar capturar o vivido, os mapas mentais procuram obter uma visão dos elementos do espaço que mais se vinculam ao sujeito em sua história de vida, e também refletir sobre aqueles que não se vinculam (LOPES; COSTA, 2023). Por fim, Nogueira (2021) exprime que:

Os mapas mentais são representações de realidades sociais e culturais vivenciadas, são mapas em que são representadas as percepções de quem está vivenciando o lugar, que quer demonstrar o que é, como é, e o que representa viver aí. São mapas que grafam as paisagens, as territorialidades vividas, grafam os problemas sociais, culturais, *socioambientais*. São os mapas das geograficidades das pessoas. *Uma*

cartograficidade como forma de representar as relações visíveis e invisíveis que ligam as pessoas ao mundo vivido, neles o que importa não é a escala gráfica, mas a afetiva ou ainda a toponímica (NOGUEIRA, 2021, p. 1968) [grifos meus].

Por sua vez, os mapas vivenciais, embora se aproximem muito da concepção de mapa mental, possuem aspectos particulares. Apesar de também captarem elementos do vivido, presentes na relação do ser com o espaço, não buscam apresentar uma noção de representação congelada no tempo, mas sim realizar um deslocamento temporal das vivenciais do sujeito no espaço, um deslocamento geracional. A partir da alteridade vivencial (experenciada através da abertura para a experiência de vida dos outros) outros sujeitos que habitam ou habitaram o mesmo espaço e as marcas do vivido de diversos atores se conversam e fazem fluxo através do tempo (LOPES; COSTA, 2023). Assim, “a vivência espacial se estabelece no processo, no movimento da vida e do inacabamento humano e suas espacialidades e temporalidades, no encontro do conviver e coexistir” (LOPES; COSTA, 2023, p. 328-329). Os mesmos autores acentuam que uma importante característica dos mapas vivenciais é o seu caráter fugidio, sua fluidez e não fixação, pois os elementos do vivido são constantes, de modo que não podem ser aprisionados, somente registrados em um momento, fluindo e se transformando logo em seguida.

Feitas tais considerações, o objetivo deste trabalho é analisar desenhos feitos por crianças Guarani e Kaiowá da Reserva Indígena de Dourados (RID), no Mato Grosso do Sul, mais especificamente na Aldeia Bororó, a partir das conceituações teóricas propostas, bem como problematizar os conceitos a partir da Geografia Kaiowá e cartografia Kaiowá, utilizando para isso debates com geógrafos Kaiowá. Assim, pretende-se refletir e levantar possibilidades acerca da cartografia no diálogo com o pensamento e a cosmovisão Kaiowá.

Nesse sentido, pretende-se discutir os desenhos elaborados junto aos Guarani e Kaiowá diante do contexto da luta pela terra presente na realidade deste povo, que passou por um forte processo de desterritorialização durante o século XX para a ocupação de suas terras por parte de colonos, a partir de uma política de expansionista e desenvolvimentista assumida pelo Estado brasileiro (MORAIS, 2016), bem como da ontologia que se vincula à luta e reivindicação por seus territórios.

Se propõe a leitura da representação territorial dos Guarani e Kaiowá a partir da cartograficidade, pois, para este povo, o território é dotado de elementos que transcendem o seu caráter funcional, sendo constituído, sobretudo, de elementos simbólicos e espirituais, em uma constante interação com elementos presentes em outros planos, como os ancestrais e os *jaras* – espíritos guardiões da mata -, bem como os animais, rios, plantas, e a própria terra, os

quais são atribuídos e vistos como entes conscientes e de direitos ao território tal como os humanos (ALZIRO; MONFORT, 2021).

METODOLOGIA

Os desenhos que constituem este trabalho foram produzidos por crianças Guarani e Kaiowá no ano de 2019. Na ocasião de sua produção, foi realizada uma visita a Aldeia Bororó, em Dourados-MS, em uma das Casas de Reza Tradicionais da aldeia, em que os pesquisadores foram recebidos pela *nhandesy* (rezadora) e pelo *nhanderu* (rezador) deste território, para uma conversa a respeito do projeto de pesquisa e articular conjuntamente as melhores formas de se obter os dados pretendidos. Esse contato inicial é importante, conforme apontam Gorayeb, Meireles e Silva (2015), para articular as técnicas que serão utilizadas, bem como delimitar a contribuição de cada parte no processo da constituição de uma cartografia.

A *nhandesy* responsável pelo território na época, também ministrava aulas da língua Guarani para as crianças indígenas da aldeia em um barraco construído ao lado da Casa de Reza. Na busca de tornar o procedimento o mais orgânico possível, de modo a não afetar de qualquer maneira a produção dos desenhos com a presença dos pesquisadores estranhos no local, foi pedido para a *nhandesy* ser a aplicadora dos desenhos entre os alunos indígenas. De tal modo, ela foi orientada a pedir que seus alunos desenhassem de forma livre e espontânea, em uma folha de papel A4, o que seria para eles território tradicional Guarani e Kaiowá, o *tekoha*. A atividade foi orientada como voluntária, onde os alunos participavam apenas se tivessem interesse.

Algo que guiou a proposta metodológica do presente trabalho é a valorização do saber orgânico, do saber vivo, que emana de cada sujeito a partir do seu ser em unidade com seu espaço e comunidade, tal como nos ensina Santos (2019). Assim, entende-se que a relação destes alunos com a *nhandesy* como aplicadora dos desenhos, pode trazer essa organicidade buscada, muito mais do que se teria com a presença de pesquisadores *karai* (brancos) e colonizados propondo a mesma atividade, independente do tempo de convivência com o grupo.

A busca por organicidade na produção de tais desenhos vai de encontro ao que Almeida (2013, p. 158-159) destaca quanto ao caráter de movimento constante que as formas de aplicar e se obter registros cartográficos sociais apresentam, tendo uma postura aberta e dinâmica a fim de evitar “as tentativas “objetivistas”, as “ilusões empiristas”, as instruções normativas e os manuais de inspiração “positivista”, que buscam a cristalização dos procedimentos de produção de mapas e mapeamentos”, bem como as tentativas de positivar e

crystalizar as próprias formas de obter as cartografias sociais, principalmente junto a povos indígenas, sobretudo no contexto brasileiro que a partir de dados do IBGE tem-se a presença de 305 etnias diferentes, que representam um pluralidade de cosmovisões e formas de se relacionar com o mundo, sendo portanto quase impossível uma padronização nesse sentido.

Acselrad e Viégas (2013) apontam que as vantagens que podem ser obtidas pelos grupos que utilizam da cartografia social como meio de luta só podem ser acessadas quando garantidas a participação coletiva e autonomia dos sujeitos no processo de confecção, bem como a utilização dos saberes e conhecimentos tradicionais no processo de produção. De tal modo, foi assegurado junto a *nhandesy* que os alunos pudessem utilizar as representações próprias de território, a partir da Geografia Kaiowá. Entende-se que esta liberdade e autoafirmação é importante, pois somente com ela as cartografias produzidas por estes sujeitos podem realmente expressar e traduzir suas vivências e modos de vida, de forma que possibilitem “reordenamentos sociais, políticos, econômicos e culturais mediante o estabelecimento de novas formas de se pensar, criar, definir, representar e ordenar o território e todos os elementos a ele atrelados” (ACSELRAD; VIÉGAS, 2013, p. 39).

Os pesquisadores forneceram folhas A4 e caixas de lápis de cor para a atividade, e, durante a aplicação, não estavam junto aos alunos, retornando ao local após a aplicação para verificar os resultados dos desenhos. A turma de Língua de Guarani, conforme foi informado pela *nhandesy*, não se tratava de uma turma fixa – como nos modelos *karai* – e sim aberta, de modo que todos os dias o número de estudantes variava, tendo uma média de 5 a 15 estudantes frequentando as aulas, com idades entre 5 e 10 anos.

Após a aplicação, foi orientado que cada estudante falasse um pouco sobre o seu desenho, de modo que a *nhandesy* fosse a interlocutora encarregada de transmitir o que cada aluno atribuiu ao desenho. Essa proposta metodológica se alinha ao que Lopes e Costa (2023) consideram como importantes para se cartografar socialmente através de mapas mentais, uma vez que a narração dos sujeitos produtores dos desenhos ajuda ao pesquisador construir suas traduções sobre aquilo que foi produzido.

Ao final da aplicação, foram obtidos 4 desenhos produzidos pelos alunos. Eles foram recolhidos pelos pesquisadores, com o consentimento da *nhandesy*, para análise à luz do que propõe Acselrad e Viégas (2013), que entendem que para a cartografia social pode-se atribuir diversos objetivos e significados analíticos, a partir dos contextos de momento que o grupo que a produziu se insere. As cartografias foram digitalizadas em formato PDF e numeradas de 1 a 4, para melhor conservação e manejo durante as análises.

A interpretação dos desenhos e seu conteúdo simbólico, bem como das falas e significados a eles atribuídos por seus interlocutores, pauta-se em uma busca por descolonizar o sentir, as relações com espaço e tempo, bem como o pensar e a forma de representar o mundo, pois entende-se que descolonizar os afetos, tal como propõe Geni Nuñez (2023), e descolonizar as metodologias, conforme propõe Smith (2018), é uma importante tarefa nas pesquisas e trocas existenciais junto aos povos indígenas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em conversa com a *nhandesy* sobre os desenhos obtidos, ela aponta que na reflexão acerca dos desenhos, todas as crianças atribuíram elementos da natureza como o foco principal do que elas consideram o *tekoha*, sendo para elas impossível a existência do mesmo sem tais elementos. Ela conta que para os Guarani e Kaiowá os elementos da natureza (rios, árvores e flora em geral, animais, rochas, etc.) são essenciais para se entender o *tekoha* – território tradicional Guarani e Kaiowá - pois são esses elementos que permitem uma vida em equilíbrio, o *teko porã* (viver em harmonia, em conformidade com os preceitos), o *teko mangaratu* (viver bem) e o *teko pavẽ* (viver em coletividade).

A concepção de território que os Guarani e Kaiowá possuem se define a partir da palavra *tekoha*, em que *teko* representa a vida e o modo de ser dentro dos preceitos tradicionais e *ha* é o espaço, o lugar. Desse modo, *tekoha* é o espaço onde se exerce o modo de vida tradicional, o lugar onde se é. No *tekoha* os preceitos sagrados se materializam, de maneira que nele se exerce o *tekopavẽ* que leva ao *tekomangaratu*, uma forma de vida onde não há espaço para o individualismo, para se ter o *teko porã* (RAMIRES, 2016, BENITES, 2014).

Dentro da cosmovisão Guarani e Kaiowá, no *tekoha* todos os entes apresentam um lugar na ordem cósmica, sem a existência de hierarquias, de forma que cada um dos elementos que o constitui, humanos, plantas, rios, pedras, relevo, vento, animais, exerce seu papel na busca do *tekoporã* e manutenção da harmonia territorial, buscando para isso intermédio com os *jaras* (espíritos) e com os ancestrais que também habitam o território (ALZIRO; MONFORT, 2021).

O modo de ser Guarani e Kaiowá está intrinsecamente vinculado a estes preceitos, de modo que é impossível ser Guarani e Kaiowá sem que eles estejam presentes. Dessa forma, há um esforço em ensinar o modo de vida tradicional às novas gerações (e as aulas de Guarani ministradas pela *nhandesy* são um exemplo disso), para que desde cedo estes sujeitos passam a habitar o mundo a partir de tais preceitos e ontologicamente se vinculem aos ancestrais que



habitaram o *tekoha* no plano terreno antes deles. Ramires (2016) aponta que a educação Guarani e Kaiowá vai sempre girar em torno dos princípios sagrados e da cosmologia tradicional. O autor expõe que:

Na perspectiva cosmológica, a transição de saberes na educação Kaiowá e Guarani, segundo os *Ñanderu* começa pela nossa origem o – *Ñanerembypy* e *Ñepyrumby*. Os processos de ensino-aprendizagem fundamentam-se na cosmologia Kaiowá e Guarani referenciando o umbigo da terra – *yvyryru'ã*. No mito do sol e da lua – *Paikuara ha Jasyrehegua*, as eclipses – *marandi* do sol e da lua como sinal divino, onde o grande morcego e a ema que estão sob universo da terra descem para devorar os humanos– *Guaruje*, o temporal/vendaval “rajada de vento”, atingindo uma velocidade alta, no ponto de vista “ocidental”, ciclone, furacão, tornado – *marany*, o trovão, sinal ou som do sobrenatural– *araryapu*. O calendário Kaiowá e Guarani é organizado de acordo com o movimento e sinais do universo (imbricado com a natureza) (RAMIRES, 2016, p. 75).

É diante desta cosmovisão, pautada em uma outra forma de habitar o mundo e sentipensar a T/terra, a natureza, o tempo e o espaço que se dá o desafio de buscar traduzir e contextualizar as representações e relações simbólicas e cosmopolítica presentes nos desenhos obtidos junto às crianças Guarani e Kaiowá, na Aldeia Bororó em Dourados.



CARTOGRAFIA 1



CARTOGRAFIA 2



CARTOGRAFIA 3



CARTOGRAFIA 4

Mosaico 01: Da esquerda para a direita e de cima para baixo, as cartografias obtidas, em sequência da Cartografia 1 a 4. Organização dos autores.

Fonte: Crianças Guarani e Kaiowá da Aldeia Bororó, em Dourados-MS, que participaram da proposta retratada neste trabalho.

O desenho 01 apresenta elementos interessantes da vivência no *tekoha*. Observa-se a presença de moradias em alvenaria, bem como a presença das matas e do Sol, entes que se misturam aos humanos no *tekoha* para viver o *teko pavẽ* (viver em coletividade). A rede, estendida entre duas árvores na mata, representa a importância do descanso e do estar na natureza, uma vez que para os Kaiowá o descanso é sagrado, diante da percepção de que a função do ser humano na T/terra também é a contemplação e a admiração da natureza, conforme nos ensina Anastácio Peralta Kaiowá.

O desenho 02, por sua vez, apresenta um grande rio, farto de peixes junto da presença da mata. Já, o desenho 03, apresenta o *tekoha*, com elementos que o constituem e que permitem que ele exista, tal como plantas e animais. Alguns elementos interessantes podem ser observados neste desenho, tal como o *yyyra'i Marangatu* (altar sagrado) ao centro, e um

campo de futebol no canto direito, em que pode-se observar um momento *deteko pavê*. O desenho 04, por fim, apresenta outros elementos importantes da constituição do *tekoha*, bem como a mata, animais, casas em sapé, e traços em verde que aparentam ser uma roça. Ao centro, pode-se observar a *Oga Psy*, Casa de Reza tradicional Guarani e Kaiowá. Elementos como a roça e a *Oga Psy* chamam a atenção, pois são elementos centrais na cultura e modo de ser tradicional deste povo. A roça, como aponta Peralta (2022), tem um papel de conexão com a T/terra e com o trabalho, sendo uma forma de se exercer o *teko marangatu* (viver bem). Já as *Oga Psy* são lugares sagrados e espaços de cura, que permitem encontros, reuniões, rituais, celebrações e contato com os ancestrais (KUÑANGUE ATY GUASU, 2022).

Nos desenhos coletados, é possível observar elementos que fazem referência ao *tekoha* originário, antes da despossessão e saque de suas terras pela colonização. A partir das contribuições do Kaiowá Germano Lima Alziro, podemos identificar que há a presença de elementos que indicam um deslocamento histórico, vivencial, nos desenhos propostos. O desenho 01 apresenta o *tekoha Iguarussu*, que se encontra dentro da Reserva Indígena de Dourados, apresentando elementos de alvenaria na construção das moradias, o que indica o *tekoha* atual. O desenho 02 apresenta o que seria o córrego Sardinha, que é um córrego próximo ao *tekoha* da rezadora que auxiliou na produção dos desenhos. O desenho 03 representa o *tekoha* em que foram realizados os desenhos, na Aldeia Bororó, em que a casa grande ao centro constitui o espaço em que as crianças têm aula de Guarani com a *nhandesy*. Todos estes três desenhos, portanto, estariam no momento presente, indicando a vivência atual no *tekoha*. Já o desenho 04 apresenta o *tekoha Pindoroka* que é um *tekoha* que não existe mais, em que seus moradores foram expulsos, desterritorializados e forçados a migrar para a Reserva Indígena de Dourados durante o século XX, indicando assim esse deslocamento temporal e espacial nas representações do território presentes nos desenhos .

Tais elementos denotam a presença constante do *tekoha* perdido no imaginário e desejo dos Guarani e Kaiowá. Assim, tem-se a lembrança de um *tekoha* um dia vivido dentro dos preceitos tradicionais – pelos mais antigos, pelos anciãos – e um imaginário – simbólico, idealizado – do que o território que se vive no presente foi um dia – por parte dos mais jovens. Em todos, perpassa a esperança, anseio e luta para que a condição em que um dia se viveu volte novamente, para que então o *tekoporã* e *tekomangaratu* possam ser exercidos plenamente junto ao *tekoha*.

O elemento vivencial que atravessa o tempo, entre o que o *tekoha* um dia foi, o que é hoje e o que se espera que possa ser um dia, é expresso pelo termo *teko harã*. Tal conceito exprime o anseio e esperança de resgate do *tekoha* tal como ele já existiu, vivenciado dentro

dos preceitos tradicionais (CRESPE, 2015). Esse desejo habita o imaginário Guarani e Kaiowá, e como se vê nos mapas coletados, desde a infância se nutre a esperança pela recuperação de seus territórios, para que nele se viva tal como os antepassados viveram, o que mobiliza os sujeitos na luta pela recuperação do modo tradicional de habitar o *tekoha*.

Esse deslocamento temporal e espacial identificado nos desenhos, tal como também discutidos por Crespe (2015), Motta (2012; 2015) e Benites (2012; 2014), permitem que os registros coletados possam ser lidos como mapas vivenciais, tal como postulam Lopes e Costa (2023), pois apresentam a representação do espaço a partir do vivido em diferentes épocas.

Hutta (2019) aponta que tanto processos de desterritorialização quanto processos de reterritorialização são atravessados por uma carga afetiva, de modo que tais fenômenos não podem ser lidos separados de um afeto. Os desenhos obtidos convidam a perceber a esperança que referencia a luta de reterritorialização/retomada dos territórios tradicionais por parte dos Guarani e Kaiowá que se faz presente na ontologia dos sujeitos que os produziram.

Arturo Escobar (2015; 2018) nos ajuda a pensar essa ontogênese a partir de uma relação profunda e fecunda com seus territórios vivenciados por diversos grupos ameríndios. Assim, este autor afirma que para estes grupos indígenas, e aqui colocamos os Guarani e Kaiowá, a construção ontológica e experiencial dos sujeitos se vincula a experiência que têm com seus territórios, de modo que em um contexto contemporâneo de despossessão e desterritorialização, a ontologia se constitui também embasada na luta, defesa e reivindicação por seus direitos territoriais. Com isto em vista, para Escobar (2015, p. 28):

La perseverancia de las comunidades y movimientos de base étnico-territorial involucran resistencia, oposición, defensa y afirmación de los territorios, pero con frecuencia puede ser descrita de forma más radical como ontológica. De igual modo, aunque la ocupación de territorios colectivos usualmente involucra aspectos armados, económicos, territoriales, tecnológicos, culturales y ecológicos, su dimensión más importante es la ontológica.

A concepção de território interrelacional apresentada pelos Guarani e Kaiowá e que se expressa nos desenhos analisados a partir da forte presença de elementos da natureza, como a mata, animais e rios, indicam o caráter relacional, ou ontologia relacional, conforme proposta por Escobar (2015), que se implica nos preceitos deste povo e que também atravessam a ontologia de seus sujeitos, começando já na infância.

Desse modo, com todos estes elementos presentes nos desenhos e a partir das discussões conceituais propostas na introdução, bem como da descrição metodológica adotada, cabe uma certa dúvida acerca das definições de que os desenhos apresentados se enquadrem. Para além da discussão das palavras frias e sem vida, para citar Santos (2019), o foco aqui é o conteúdo simbólico e cosmopolítico que as representações obtidas junto às



crianças carregam. É necessário tomar cuidado para não cair nas armadilhas coloniais do saber sem vida, das definições conceituais por si só, no fetiche colonizador de denominar, e atentar-se ao saber vivo que cada fenômeno contém (SANTOS, 2019).

Dito isto, certo é que os desenhos constituem uma importante fonte de acesso às representações espaciais e do território tradicional por parte das crianças Guarani e Kaiowá, uma vez que estes sujeitos projetam nos desenhos uma série de elementos simbólicos, afetivos, vivenciais e até mesmo ancestrais, bem como elementos da natureza que caracterizam o seu bem-viver. Assim, entendemos em um primeiro momento os desenhos como mapas mentais, com elementos vivenciais, compostos de cartograficidade, que em conjunto expressam uma cartografia social e afetiva Guarani e Kaiowá.

Nogueira (2021) salienta que por seu caráter de propor construir um saber a partir do dia a dia e das experiências vividas, levando em conta tanto elementos visíveis quanto invisíveis presentes no espaço, a cartograficidade parte epistemologicamente de uma Geografia Radical. Assim, a autora reitera que a partir de mapas mentais pode-se obter importantes registros da cartografia social de determinado grupo, pois “*os mapas mentais nos conduzem a uma cartograficidade*, pois são representações de lugares, paisagens, territorialidades, do espaço geográfico, enquanto espaço vivido. Sua linguagem, não será geométrica, *mas afetiva e simbólica*” (NOGUEIRA, 2021, p. 1972) [grifos meus].

Contudo, após diálogos e reflexões junto à geógrafos Kaiowá, e no compromisso da busca de descolonizar saberes, também é possível refletir a partir daquilo que podemos chamar de Geografia Kaiowá. O geógrafo Germano Kaiowá ensina a respeito desse saber: “A Geografia Kaiowá vem do tempo e espaço, que seria *Ara Rekopy* [...] Nós indígenas temos a nossa cartografia, não é a cartografia que os brancos fazem, nós temos nossa própria cartografia... Na cartografia Kaiowá precisam estar presentes o tempo e o espaço, *Ara Rekopy*, o desenho da cartografia precisa estar no tempo e no espaço... Os anciãos ensinam a cartografia através de desenhos” (Germano Lima Alziro, conversa por meio remoto, 23 de outubro de 2023). Como já discutido, os elementos de espaço e tempo estão presentes nos desenhos produzidos pelas crianças Guarani e Kaiowá, em que o *tekoha* é retratado a partir de um recorte temporal sobre o que já foi, o que é, e o que se deseja que seja.

Por fim, para endossar as reflexões, Anastácio Peralta Kaiowá também nos ajuda a pensar elementos da Geografia Kaiowá e a leitura do espaço a partir desta cosmovisão, ao apontar que o viver e habitar o espaço precisa estar voltado “em busca de curar a terra” (sic). Assim, ao conceber a T/terra como um ser vivo espiritualizado, o pensador amplia as escalas de análise para se pensar o espaço: “a mata é a roupa da T/terra” (sic). “Nós pertencemos à

“Terra, nós somos sementes, a semente é viva, precisamos ser flores da terra” (sic) (Anastácio Peralta, conversa remota através da plataforma Google Meet, 22 de setembro de 2023). Desse modo, no pensamento geográfico Kaiowá de Anastácio, nota-se uma unidade entre os entes que formam o espaço, de forma a abrir campo para fecundas reflexões acerca da Geografia Kaiowá e suas cartograficidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões acerca de uma cartografia e Geografia Kaiowá são muito interessantes, e mesmo não sendo o foco central deste trabalho, permitem reflorestar o pensamento geográfico e se descolonizar epistemologicamente. Contudo, essa é uma missão que cabe aos sujeitos Guarani e Kaiowá exporem, de modo que neste trabalho buscamos apenas realçar horizontes de possibilidades a partir dos ensinamentos de geógrafos Kaiowá citados.

Assim, os desenhos aqui pensados e o qual este trabalho buscou traduzir e refletir, apresentam elementos interessantes a respeito da cosmovisão Guarani e Kaiowá e a relação deste povo com seus territórios tradicionais e sagrados – *tekoha* -, relação esta que se imbrica existencialmente e ontologicamente, desde a infância. A presença de elementos da natureza, como as matas e os animais indicam a relação e importância que estes representam para suas concepções de território, bem como símbolos do modo de vida tradicional, como a Casa de Reza e o *yvyra’i Marangatu* (altar sagrado) a reafirmação de identidade e ontológica.

A luta pela terra e pelo reestabelecimento pleno de seus modos tradicionais de habitar o mundo fazem com que as existências Guarani e Kaiowá por si só já sejam luta, luta pela sobrevivência, pelo território, por serem quem são e existirem enquanto povo. Essa luta que se ramifica em todos os aspectos da vida permite que os mapas mentais/vivenciais produzidos em conjunto possam ser lidos como cartografias sociais e afetivas, pois contém a cartograficidade Kaiowá, com elementos de luta, ancestralidade, memória, esperança e afirmação de um modo de vida e cosmovisão.

REFERÊNCIAS

ACSELRAD, H.; VIÉGAS, R. N. Cartografias sociais e território: um diálogo latino-americano. In: ACSELRAD, H. (org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, p. 15-40, 2013.



ALMEIDA, A. W. B. Nova Cartografia Social: territorialidades específicas e politização da consciência das fronteiras. In: ALMEIDA, A. W. B.; FARIAS JÚNIOR, E. A (orgs.). **Povos e comunidades tradicionais: nova cartografia social**. Manaus: UEA Edições, p. 157-173, 2013.

ALZIRO, G. L.; MONFORT, G. C. Corpos-territórios em resistência nas retomadas Kaiowá e Guarani: insurgências ancestrais diante dos solos devastados pelo neoextrativismo. **Terra Livre**: São Paulo, v. 1, n. 56, p. 580-620, 2021.

BENITES, E.; RAMOS, A. D. O Caminho Guarani e Kaiowá na busca do jeito sagrado de ser - Oguatateko Araguayjerehehápe. **Revista Euroamericana de Antropología**: Salamanca, s/v, n. 4, p. 30-35, jul. 2017. Disponível em: <https://iiacyl.files.wordpress.com/2014/11/4_benites__ramos_n4.pdf>. Acesso em: 07 dez. 2022.

BENITES, T. Recuperação dos territórios tradicionais Guarani-Kaiowá: Crônica das táticas e estratégias. **Journal de la Societé desaméricanistes**: Online, v. 100. n. 2, 2014.

BENITES, T. Trajetória de luta árdua da articulação das lideranças Guarani e Kaiowá para recuperar os seus territórios tradicionais Tekoha Guasu. **Revista de Antropologia da UFSCar**: Florianópolis, v. 4, n. 2, p. 165-174, jul.-dez. 2012.

COSTA, B. M. M. C. Desde a Geografia da infância a construção de uma cartografia vivencial/social. **Revista Mutirão**: Recife, v. 2, n. 1, 2021.

CRESPE, A. C. **Acampamentos indígenas e ocupações: novas modalidades de organização e territorialização entre os Guarani e Kaiowá no município de Dourados-MS (1990-2009)**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados-MS, 2009.

ESCOBAR, A. Sentipensar con la Tierra: las luchas territoriales y la dimensión ontológica de la epistemología del Sur. **Revista de Antropología Iberoamericana**: Madrid, v. 11, n. 1, p. 11-32, 2018. Disponível em: <<http://www.aibr.org/antropologia/netesp/numeros/1101/110102.pdf>>. Acesso em: 28 out. 2023.

ESCOBAR, A. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. **Cuadernos de Antropología Social**: Buenos Aires, v. 41, [s/n], p. 25-38, 2015. Disponível em: <<http://revistascientificas.filo.uba.ar/index.php/CAS/article/view/1594>>. Acesso em: 28 out. 2023.

GORAYEB, A.; MEIRELES, A. J. A.; SILVA, E. V. Princípios Básicos de Cartografia e Construção de Mapas Sociais: Metodologias Aplicadas ao Mapeamento Participativo. In: _____ (orgs.). **Cartografia social e cidadania: experiências de mapeamento participativo dos territórios de comunidades urbanas e tradicionais**. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, p. 9-24, 2015.

HUTTA, J. S. Territórios afetivos: cartografia do aconchego como uma cartografia de poder. **Caderno Prudentino de Geografia**: Presidente Prudente-SP, n. 42, v. 2, p. 63-89, jun. 2020.



KUÑANGUE ATY GUASU. **Intolerância religiosa, racismo religioso e Casas de Reza Kaiowá e Guarani queimadas**. Brasil: Observatório Kuñangue Aty Guasu, mar. 2022.

LOPES, J. J. M.; COSTA, B. M. F. Mapas vivenciais e espacialização da vida. **Revista Porto das Letras**: Palmas, v. 9, n. 1, p. 321-335, 2023.

MORAIS, B. M. **Do corpo ao pó: crônicas da territorialidade Kaiowá e Guarani nas adjacências da morte**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Departamento de Antropologia, Programa de Pós-GRaduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.

MOTA, J. G. B. Movimento étnico-socioterritorial Guarani e Kaiowá no estado de Mato Grosso do Sul: disputas territoriais nas retomadas pelo Tekoha-Tekoharã. **Revista NERA**: Presidente Prudente-SP, v. 15, n. 21, p. 114-134, jul.-dez. 2012.

MOTA, J. G. B. Territórios de resistência e práticas descoloniais: estratégias de luta Guarani e Kaiowá pelo Tekoha - Mato Grosso do Sul/Brasil. **Campo Território: revista de Geografia Agrária**: Uberlândia-MG, v. 10, n. 20, p. 416-439, jul. 2015.

NOGUEIRA, A. R. B. Geograficidades e cartograficidades: os mapas mentais e o ato de representar. **Ciência Geográfica**: Bauru-SP, v. 24, n. 5, p. 1964-1973, jan.-dez. 2021.

NUÑEZ, G. **Descolonizando afetos**: Experimentações sobre outras formas de amar. Buenos Aires: Editora Paidós, 2023.

PERALTA, A. **Tecnologias Espirituais**: Reza, Roça e Sustentabilidade entre os Kaiowá e Guarani. Dissertação (Mestrado em Educação e Territorialidade) - Faculdade Intercultural Indígena – FAIND, Programa de Pós-Graduação em Educação e Territorialidade – PPGET, Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados-MS, 2022.

RAMIRES, L. C. **Processo próprio de ensino-aprendizagem Kaiowá e Guarani na Escola Municipal Indígena ÑandejaraPólo da Reserva Indígena Te'ýikue**: saberes Kaiowá e Guarani, territorialidade e sustentabilidade. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Católica Dom Bosco– UCDB. Campo Grande, 2016.

SANTOS, A. B. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: OLIVA. *et al.* (orgs.). **Tecendo redes antirracistas**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 23-35, 2019.

SANTOS, R. E. Ativismos Cartográficos: notas sobre formas e usos da representação espacial e jogos de poder. **Revista Geográfica de América Central**: Costa Rica, v. 2, n. 47, p. 1-17, 2011.

SMITH, L. T. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Tradução: Roberto G. Barbosa. Curitiba: Editora UFPR, 2018.